



**Industrialização e Desindustrialização**

Se a investigação histórica e arqueológica, não é só desvendar o passado, mas também construir o futuro, não deixa de ser, também, uma parte importante da nossa história recente o processo de industrialização e desindustrialização que se observou na vila de Garvão.

Publica este jornal, nas páginas centrais, uma retrospectiva da indústria artesanal e mecanizada, que se desenvolveu nesta parte do Alentejo num passado ainda muito recente, e cujo sucesso económico se viu ameaçado “*pela conjuntura nacional e internacional, a livre concorrência dos produtos, a introdução de novas tecnologias e praticas comerciais e melhores acessos, levou os empresários alentejanos, que nos primórdios da revolução industrial nacional, tinham mostrado vontade em investir na nova era, a um patamar impossível de acompanhar*”.

As características históricas da reconquista, com a concessão de grandes parcelas de terreno às ordens militares, ao clero e à nobreza, moldou a estrutura agrária e humana da região que se mantém até hoje.

Ao contrário do norte, embrionária da própria monarquia franco-clunicense, (onde a figura do conde D. Henrique, pai do futuro rei de Portugal, é a figura mais paradigmática do exemplo cruzadístico em cenários mais ocidentais, como a península ibérica), o reordenamento dos territórios conquistados a Sul tem um carácter acentuadamente militar.

Nas terras conquistadas à moirama, embora predominantemente exploradas por camponeses de origem romano-gôda, os vassallos dos senhores muçulmanos, tornaram-se com a reconquista, pertença do novo rei e dependentes dos novos donatários cristãos, premiados pelos serviços prestados no campo de batalha.

A falta de um programa de crescimento adequado à especificidade da agricultura alentejana, uma produção agrícola deficiente, incapaz de manter níveis estáveis, constantes e elevados de produtos, assim como as incapacidades comerciais na colocação dos produtos em mercados concorrenciais de grande consumo, conjugado com a pouca, imprevisível e irregular pluviosidade e a imobilização da terra detida pelos proprietários ausentes, não só entrou as esperanças e as possibilidades de modernização e crescimento agrícola e industrial da região, como também a esvaziou das suas gentes mais capazes.

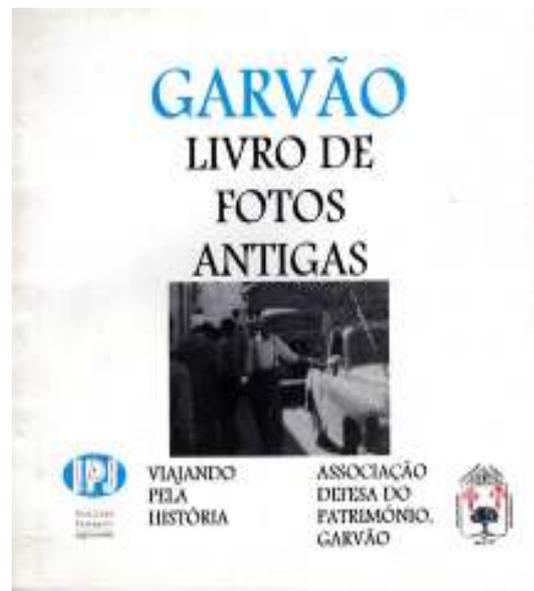
**Lvro Fotos Antigas**

Parece que foi ontem.

Mas não. Foi há precisamente 20 anos que a Associação Cultural e Defesa do Património de Garvão editou o livro de Fotos Antigas da população. Trabalho penoso para quem não estava habituado a estas andanças, mas contudo conscientes da necessidade de mostrar ao mundo o património cultural, histórico e arqueológico da vila de Garvão e naturalmente das suas gentes, não só das, infelizmente, idas, mas, também, das que cá estão.

Este album fotografico não deixa de ser uma fonte de informação e conhecimento do modo de vida daqueles que, independentemente do seu estatuto social e da sua condição económica representaram um dado momento da história da vila de Garvão.

História essa legada pelos nossos pais e avós, pela sua determinação e coragem, pela sua própria vivência por sua vez herdada de quem os precedeu.



*Este livro regista algumas das fotografias mais belas e significativas da memória visual da vila de Garvão.*

*Muitas das fotografias aqui apresentadas são o entusiasmo e a alegria de quem as vê pela primeira vês e a lembrança para quem as revê.*

*Todas elas testemunham uma época e momentos que ficaram gravados na memória dos mais velhos.*

*Que outras fotografias surjam e dêem continuidade ao registo fotográfico de fotografias antigas da vila de Garvão de que este livro é o primeiro.*

Escreveu-se, no prefácio, na altura e bem se podia continuar a escrever, assim como nos agradecimentos.

*Este livro só foi possível porque houve pessoas em Garvão que acarinharam as fotografias dos seus avós e pais. como se uma parte de si se tratasse.*

*Todas as pessoas acederam entusiasticamente a emprestar essas mesmas fotografias á Associação de Defesa do Património para a sua publicação.*

**JORNAL DE GARVÃO**

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>

**Largo D. Afonso III, 7670-125 Garvão**

**Redacção: José Pereira Malveiro, José Daniel Malveiro**

**Apoios:** Câmara Municipal de Ourique - Junta de Freguesia de Garvão - Casa do Povo de Garvão - Comissão de Festas e Romarias - Comissão Fabriqueira da Igreja.

**Publicado:** Ao abrigo da lei de imprensa 2/99 de 15 de Janeiro, artigo 9º nº 2.

**Registado:** No Instituto Nacional de Propriedade Industrial: Marcas e Patentes.

**TIPOGRAFIA: NET impressos - Rio de Mouro**



# Porto Torrão (Ferreira do Alentejo)

Descoberto o maior povoado  
calcolítico do País

Achado alentejano reescreve História

Os especialistas já falam em “revolução” e na necessidade de “reescrever” a Pré-História do Baixo Alentejo: o povoado de Porto Torrão, em Ferreira do Alentejo (Beja), é o maior calcolítico do País, isto é, a maior área representativa da Idade do Cobre, situada entre 2500 e 1800 anos a.C.

A descoberta traduz-se em quatro zonas de necrópoles, com estruturas subterrâneas que são ‘verdadeiras obras públicas monumentais de grande dimensão’. Quem o diz é o consultor científico António Valera, sobre aquela que é interpretada como a maior intervenção arqueológica realizada nos últimos anos em Portugal, por contar com o trabalho de mais de 60 técnicos.

As escavações desta área, que tem 100 hectares com cinco mil anos, já eram conhecidas desde os anos 80, mas só começaram em 2008 através de uma intervenção de emergência para salvaguardar os vestígios. As obras no Alqueva são também vistas como causas da descoberta.

Porto Torrão e outros sítios arqueológicos do calcolítico achados no distrito de Beja durante obras do Alqueva têm, de acordo com António Valera, ‘alterado profundamente’ o conhecimento sobre este período na região, até ao ponto de aumentarem noções sobre rituais ligados à morte. A novidade para os especialistas está na verificação de ‘uma tradição longuíssima no tempo de enterramentos em estruturas subterrâneas’, explicou. Os arqueólogos dizem que Porto Torrão ‘vai sem dúvida continuar a dar que falar nos próximos anos’.

In: <http://www.cmjornal.xl.pt/noticia.aspx?channelid=>



# FESTAS DE GARVÃO 2013

**SEXTA | 25 DE  
AGOSTO**

10.30H - Início do Som nas  
ruas da Vila  
20.30H - Missa  
21.00H - Procissão  
22.30H - Baile com  
FÁBIO LAGARTO  
00.00H - variedades com  
“MORANGOTANGO”  
01.00H - Continuação do  
Baile

**SÁBADO | 24 DE  
AGOSTO**

09.30H - Alvorada  
14.30H - 1ª Corrida de  
Homens em Saltos Altos  
15.15H - RALLY  
PAPPER  
18.30H - Grandiosa  
CORRIDA DE TOIROS  
CAVALEIROS:  
-JOÃO MOURA  
-TITO SEMEDO  
-MIGUEL MOURA

FORCADOS: A.RIBATEJO, T.T.MONTIJO E A.CASCAIS.  
6 TOIROS PASSANHA Org. A.C.EVENTOS  
22.30H - Baile com RICARDO GLÓRIA  
00.30H - Variedades com JOSÉ MALHOA  
01.30H - Continuação do Baile

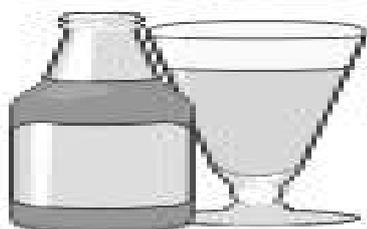
**DOMINGO | 25 DE AGOSTO**

09.30H - Alvorada  
14.30H - Entrega de Prémios  
15.30H - Actuação do Grupo - ALMA ALENTEJANA  
16.45H - 3ª Corrida de Carros de Mão  
18.00H - LARGADA DE TOUROS PELAS RUAS DA  
VILA  
22.30H - Baile com Rúben Baião  
00.00H - Fados com:  
-FERNANDA OLIVEIRA  
-JOÃO LIMPO  
Guitarra Portuguesa: Tó Rui  
Viola: Henrique Gabriel  
01:00H - continuação do Baile  
05.30H - DJ FREDERICO BARATA



**DIVULGAÇÃO COMERCIAL:** Toda a publicidade incluída neste jornal não está sujeita a pagamento

## Café Central



Manuel Bárbara dos Reis  
*Comidas e  
Dormidas*

Telef. 286 555 113

Lg. da Amoreira, 3 – GARVÃO



# DANÇA DOS GUIZOS

Quando o Jornal de Garvão, em Agosto de 1996, noticiou o conhecimento que algumas pessoas da terra com idades aproximadas aos oitenta e cinco anos por essa altura, tinham de um tipo de dança, empregando guizos, cascavéis e espadas, que se realizava tanto em Garvão como nas aldeias e vilas do interior alentejano, não se imaginava que de facto esse tipo de dança estivesse tão enraizado e popularizado na tradição popular portuguesa com estava.

Chegando até nós unicamente o conhecimento da “Dança das voltas”, “Dança dos Arquinhos” e a “Dança das Fitas” ou “do Mastro”, realizada nesta parte do Alentejo e em várias populações até aos anos sessenta do século passado, tendo a Associação de Defesa do Património de Garvão as recuperado trinta anos depois.

Não tendo sido possível, contudo, a recuperação das danças das espadas e dos guizos, não só devido ao seu total desconhecimento, como, infelizmente por falta de tempo e condições depois dessa informação.

O guizo, comumente designado por cascavel, na documentação dos séculos XVI e XVII, de utilidade pastorícia e pecuária em geral, aparece-nos, nestas manifestações lúdicas, associado à folia e ao divertimento, estando nessa época intrinsecamente associados à festa e à dança.

A bibliografia e a iconografia estudada, maioritariamente dos mencionados séculos, revelam frequentemente conjuntos de guizos rodeando as pernas e os pulsos de bailarinos, mas também a mostra apensos ao vestuário e aos chapéus de foliões, como atributo de bobos e chocarreiros de Corte, ou ainda na decoração de flâmulas que esvoaçam ao vento. A sutileza das expressões faciais e delicados gestos de mãos, aliados a rápidos movimentos de pernas e pés, ao som de guizos presos aos tornozelos, são alguns dos aspectos que caracterizam esta dança.

Esta pequena esfera metálica, de aparência modesta e rústica, aparece em inúmeras situações festivas de todos os géneros e níveis sociais, podendo em certos casos ascender à dignidade de ser fabricada em ouro ou prata. Os guizos são eles próprios instrumento musical ou parte dele, referidos nos tratados por conceituados autores.

A referência mais interessante que se encontra, prende-se com a menção, tanto à dança das espadas como aos chocalhos e “bozinas”, por Luís de Camões em pleno século XVI:

*“Mas em breves palavras direi a Vossas Mercês a suma da obra: ela é toda de rir, do cabo até a ponta. Entrarão logo primeiramente quinze donzelas que vão fugidas de casa de seus pais, e vão com cabazes apanhar azeitona; e trás elas vêm logo oito mundanos, metidos em um covão, cantando: Quem os amores tem em Sintra; i depois de cantarem farão ua dança de espadas, cousa muito pera ver. Entra mais El-Rei D. Sancho, bailando os machatins, e entra logo Caterina Real com uns poucos de parvos nua joeira; e semeá-los-à pela casa, de que nascerá muito mantimento ao riso. E nisto fenecerá o auto, com música de chocalho e bozinas, que Cupido vem dar a ua alfêoleira a quem quer bem; e ir-se-ão Vossas Mercês cada um pera suas pousadas, ou consoarão cá connosco disso que aí houver.”*

Sobre a “dança de espadas”, Camões dá-nos pormenores interessantes, nomeadamente, indica-nos o número de dançarinos; oito homens.

Nada nos indica, contudo, sobre se era acompanhada por algum instrumento musical ou se era cantada pelos próprios dançarinos.

Deduz-se igualmente que embora tanto a “Dança das Espadas” como a “Dança dos Guizos” esteja associado às danças guerreiras em várias culturas da Europa, (já Tácito a menciona em “De Germania” no primeiro século desta era), não deixava contudo de ser exibida noutros cenários menos cerimoniosos, religiosos e ritualistas até, e mais como função de divertimento.

Já António Maria Mourinho no seu “Cancioneiro Tradicional e Danças Populares Mirandesas”, menciona a ancestralidade destas danças no contexto peninsular, acrescentando que, “As danças de Espadas e de paus (paulitos), são geralmente executadas por homens, tendo a própria igreja permitindo-as nas suas solenidades”.

parafarmácia  
GARVÃO

Técnico: Luis Miguel de Oliveira Vieira Rato  
Rua 25 de Abril n.º 3  
7670 - Garvão

Tel: 286 555 200  
Fax: 286 555 405  
parafarmaciadegarvao@hotmail.com

GenSolar

Johanna Sernewald | jsernewald@hotmail.com  
gansolar@iol.pt | Tm: +351 936 739 300  
Tm: +351 918 640 384

CAFÉ LINA

Carlos António Lina  
934577800

Chada Nova

Padaria  
MARTINS

Rua de Ourique, 22

de: Joaquim Martins Moreira Costa

Telems. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

LINDAMIRA DÓLORES  
DE BRITO CARVALHO

Tel: 286 555 371  
Tlm. 939 441 637  
Rua do Álamo, 4  
7670 GARVÃO



# Laurinda Linda

Tem desenvolvido este jornal a temática do relacionamento inter-cultural entre várias sociedades nomeadamente a similaridade entre a denominada “Dança de Garvão” evidenciada na dança do mastro, dança dos arquinhos ou na dança das voltas com outras danças que se observam em várias partes da Europa, nomeadamente aquelas de influência celta e a dança dos Morris na Inglaterra.

Não deixa de ser, também, interessante o artigo, abaixo descrito, de José Joaquim Dias Marques da Universidade do Algarve, sobre a similaridade entre a cantiga popular, “Laurinda” divulgada pelo cantador alentejano Vitorino, a qual descreve os amores da personagem que dá título á cantiga e ao seu marido que está na feira de Garvão, e a cantiga escocesa Our Goodman (Seven Drunken Nights).

## Laurinda Linda & Our Goodman (Seven Drunken Nights)

A balada portuguesa Laurinda e a balada escocesa Our Goodman pertencem a um grupo de baladas existentes em muitos países europeus que estão sem dúvida geneticamente relacionadas.

A base de todas elas é o tema da mulher adúltera e esperta, surpreendida quase em flagrante pelo marido quando este volta de viagem.

Este tema é desenvolvido através duma série de perguntas do marido sobre peças de roupa ou outros objectos que ele inesperadamente encontra ao regressar a casa e através duma série de respostas imaginativas da mulher, tentando escapar a ser desmascarada.

Embora contem a mesma história, estas baladas apresentam diferenças próprias dos textos da tradição oral. A balada escocesa aborda o tema do adultério de modo meio cómico, fazendo com que o marido regresse a casa bêbado e dando à história um final aberto, que poderá ser visto como um final feliz ou, pelo menos, sem conflito.

Por seu lado, a balada portuguesa leva o tema muito a sério, terminando a história com a decisão do marido de se separar da adúltera. Nalgumas versões da balada portuguesa, o marido diz mesmo

que irá devolver a adúltera ao pai dela, “para que ele veja a mulher que me entregou”.

Repare-se, de qualquer modo, como estas baladas mostram um entendimento igual da questão do adultério: o problema está no adultério da mulher, pois é a mulher que a sociedade vê como devendo ser fiel. Pelo contrário, nos textos orais não costuma aparecer (ou aparece muito, muito raramente) a questão da fidelidade do marido, parecendo encarar-se o adultério masculino como algo desculpável e, até, natural.

José Joaquim Dias Marques (Universidade do Algarve)

## Laurinda Linda

-Ó Laurinda, linda, linda!  
És mais linda do que o sol!  
Deixa-me dormir uma noite  
Nas dobras do teu lençol.

-De quem é este casaco  
Que ali vejo pendurado?  
-É para ti, meu marido!  
Que o trazes bem ganhado.

-Sim, sim, cavalheiro, sim!  
Hoje sim, amanhã não.  
Meu marido não está cá  
Foi à feira de Garvão.

-De quem é este cavalo  
Que na minha esquadra entrou?  
-É para ti, meu marido!  
Foi teu pai quem to mandou.

Onze horas, meia-noite  
Marido à porta bateu.  
Bateu uma, bateu duas  
Laurinda não respondeu.

-De quem é este suspiro  
Que ao meu leito se atirou?  
Laurinda, que aquilo ouviu,  
Caiu no chão, desmaiou.

Ou ela está doentinha  
Ou já tem um novo amor  
Ou então procura a chave  
No fundo do corredor.

-Ó Laurinha, linda, linda  
Não vale a pena desmaiar.  
Todo o amor que te eu tinha  
Vai-se agora acabar!

-De quem é este chapéu  
Debruado a galão?  
-É para ti, meu marido!  
Fi-lo eu por minha mão.”

-Vai buscar as tuas irmãs!  
Trá-las toda num andor!  
A mais linda delas todas  
Há-de ser o meu amor.”

**Kafé Snack - Bar**  
**"NOVO RUMO"**  
Servem-se refeições e petiscos diversos  
Cebécia: Maria de Fátima Barbosa - Patrícia Bárbara  
Telems.: 934 785 927 / 936 234 652  
Rua do Álamo, N.º 11 \*\* 7670-136 Garvão

**rádio**  
**CASTRENSE**  
93 FM  
emissão on-line  
página web - programas - notícias - transporte - gestão logística - email

**Adília Pereira Coelho**  
TINTAS  
DRAGAS  
FERRAGENS  
MATERIAL PARA PESCA  
Tel. 288 555 173 - Resid. 288 555 381  
Rua do Álamo, 13 - GARVÃO

**"BAR DA ESTACÇÃO"**  
REFEIÇÕES E PETISCOS REGIONAIS  
de: Célia Maria Pacheco Silva  
Telem. 917 591 497  
7670 - 129 FUNCLEIRA - GARE

**AUTO LITORAL**  
AUTO LITORAL  
CAMPUS HONORÁRIO

**Restaurante Martins**  
Bairro Novo da Sardoá  
Lote 38  
Rod. do Alamo  
Rua de Ourique, 22  
de  
Joaquim Martins Moreira Costa  
7670 Garvão  
Tels. - 936 347 021 e 932 582 913



**O desenvolvimento da Indústria em Garvão, embora de moldes locais, não pode deixar de estar directamente relacionado com o desenvolvimento geral da indústria no Alentejo.**

As influências da nova era industrial, que surgiram nos séculos XVII e XVIII, também chegaram, embora tardiamente, a Garvão.

Da primitiva produção artesanal, passou-se, nos finais do século XIX, primeira parte do século XX, a uma industrialização sistemática dos produtos agrícolas, de índole local e regional, que tinham vindo a ser fabricados artesanalmente, e cujo mercado local estava assegurado.

Os condicionalismos que levaram ao eventual desaparecimento destas manufacturas/indústrias tradicionais, de uso quotidiano da população e na agricultura, que até ao século XX, tinham tido algum relevo na região, afectou igualmente o sector da Cerâmica e Olaria, indústrias que ganharam um certo impulso, em algumas zonas do Alentejo, na segunda metade de Oitocentos, devido à expansão da olivicultura e da vinicultura.

## “MOINHOS E MOAGENS”

Aos Moinhos de vento e água, de que abundam vários vestígios em redor de Garvão, surgiram assim as primeiras moagens, movidas com motor a vapor, o que alterou significativamente, os hábitos de trabalho e relações sociais, até aí então estabelecidos.

A introdução do motor, inicialmente a vapor, veio modificar totalmente este cenário, permitindo assim a construção de uma Moagem mais perto das populações, podendo trabalhar as 24 horas por dia.

Ainda hoje em redor da vila, é possível identificar vários Moinhos de Vento, de Azenhas d'Água e inclusivamente Atafonas movidas a sangue. Na estação de Garvão ainda se pode ver as ruínas da antiga Moagem, que deixou de laborar nos anos 60, quando foi vendida e levada para Alhandra, conjuntamente com um número significativo de famílias, que com a sua partida deixou a vila mais despovoada, criando uma pequena comunidade de naturais de Garvão em Alhandra e no Sobralinho, que ainda hoje persiste.

## “CORTIÇA”

No século XVIII, com a aplicação de cortiça ao fabrico de vedantes, iniciou-se no Alentejo uma actividade, que viria a ser das mais importantes e consistentes da economia Alentejana.

Iniciada na segunda metade do século XVII, em França por Pierre Perignon que aplicou a cortiça na rolhagem do champanhe que acabara de obter, dando assim início à utilização da cortiça como um vedante por excelência, principalmente como rolhas nas garrafas de vinho, que veio a ser utilizado por todos os fabricantes e engarrafadores de vinho, iniciando assim a utilização de um produto de índole florestal, em larga abundância no Alentejo, e que em muito iria transformar e enriquecer a economia, não só do Alentejo mas também com um largo peso na economia Portuguesa.

Posteriormente a indústria Corticeira viria a ter outro forte incremento, com o aproveitamento das sobras, refugo ou aparas, e cortiças mais fracas em aplicações de uso diário, como palmilhas, buchas dos cartuchos, forros dos chapéus etc.

Surgiram assim em Garvão ao longo dos tempos, várias Fabricas, cuja cortiça era cozida e afaciada para ser vendida em fardos.

## “VINHA”

A transformação do produto agrícola básico como a uva, numa indústria de bebidas altamente apreciada, já era conhecida na antiguidade, desde a Índia antiga até à Gália.

A vinha e o trigo, pertencem às mais velhas culturas que tiveram origem á cerca de 4.000 anos na parte oriental do Mar Negro, na região da Transcaucásia, nos territórios que correspondem actualmente à Geórgia, Arménia e ao Azerbaijão.

Os Romanos tinham os seus famosos vinhos “o Cuecubum”, “o Surrentinum”, “o Falerno” e “o Mamertino” entre outros.

A cultura da vinha em Garvão, e a sua transformação em vinho, é conhecida há já bastante tempo, tendo-se em consideração os condicionalismos, de tempo e espaço, atrás expostos, contudo acompanhando a tendência geral do Alentejo a vinha sofreu uma forte expansão na segunda metade do século XIX, sendo considerado um negócio fartamente remunerador, que aliciou ricos e pobres, grandes e pequenos proprietários e outra gente ligada à terra.

Ainda na década de 60 do século XX, se assistia á vindima nas várias vinhas da região, transportadas em depósitos em cima de carros de parelha, para o lagar da vila, nomeadamente do Sr. Chico Costa, ou do Sr. José Cunha, aqui era a azafama habitual destas coisas, os moços pequenos a “roubarem” uvas, e os grandes, em calções dentro do tanque a pisarem uva, em amena cantarolaria, bebericando o vinho da safra passada.

**Salão Mila**  
Emília M.ª Mestre Maia M.  
Telef. 286 555 201 Rua Nova, 15-A  
Telem. 965 779 545 GARVÃO

**ANTÓNIO FRANCISCO DELFINO**  
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A PNEUS DE LIGEIROS E PESADOS  
PNEUS AURORA - MECÂNICA GERAL  
Telef. 286 555 416 - Telem. 962 341 322  
GARVÃO

VEDESTEIN  
ALLIANCE  
MARSHAL PNEUS  
RECONSTRUÍDOS  
FEDIMA®  
LIBRIFICANTES  
SHELL



# INDUSTRIAL

A Adega do Sr. Chico Costa, foi herança do sogro, “Ti Joaquim Diogo”, cuja vinha era na cerca, conhecida precisamente por “Vinha do Ti Joaquim Diogo”, o lagar era na rua Nova. O Sr. Chico Costa foi proprietário da Fabrica de Pirolitos que havia na Vila até aos anos sessenta.

A Adega do Senhor José Cunha, conhecido comerciante da Vila, situava-se na Travessa do Álamo, e funcionava também como taberna, a vinha era precisamente no Monte da Vinha.

Todas estas Vinhas e Adegas, foram sucessivamente acabando desde os anos sessenta, até aos nossos dias, tendo a “Adega-Taberna” como função social e pólo central da vida comunitária, sido substituído pelos modernos Cafés.

## “AZEITE”

Apesar de hoje em dia não existir qualquer lagar de azeite em Garvão, já houve tempo em que existia mais do que um, nomeadamente o da Moagem, que conforme o nome indica, estava associado á fabrica da moagem, sobre aproveitando o motor lá instalado para mover a moagem, contudo outros houve na vila, que davam trabalho a várias pessoas, e utilizavam o produto dos olivais da região e das pequenas cercas em redor da vila.

O principal abastecedor do lagar da Moagem era o próprio proprietário da sua propriedade da Crimeia, onde pela primeira vez, um proprietário local, procedeu á plantação de um olival em moldes empresariais.

Outro Lagar de Azeite, que havia na vila era o que ficava situado no chamado, hoje largo da Amoreira, e então denominado Largo do Lagar, por aí se situar esse lagar, precisamente no centro da vila, e do qual ainda há relativamente pouco tempo restava uma Mó, oferecida pelo Adriano Revés á Associação Cultural e Defesa do Património de Garvão.

O azeite é conhecido desde a antiguidade, com utilização para as mais variadas formas, foi usado principalmente como tempero na alimentação, como combustível para alumiar as Luzernas Romanas e as candeias dos nossos dias, em uso até ao advento do petróleo já no século XX, foi usado também para as mezinhas tradicionais e desde sempre o azeite serviu para cerimoniais religiosas onde os crentes, não só ofereciam o precioso liquido, como também se oleavam como forma de participação desses mesmos rituais religiosos.

## “TÊXTEIS”

No caso concreto dos têxteis, e especificamente em Garvão não deixa de ter alguma significância o forte relacionamento provocado pela enorme circulação de rebanhos em regime de transumância, cujos percursos, por pastos de verão e Inverno, uniam o interior do país desde as Beiras até ao extremo sul do Alentejo, sendo a Feira de Garvão um pólo aglutinador de todos estes movimentos pois era o principal mercado do sul do país, assim no Alentejo, teciam-se panos pretos grossos e de outras cores, panos pardos ordinários e Saragoças ao estilo Espanhol.

No século XIX os concelhos limítrofes de Garvão, concentravam cerca de 80% dos teares activos da região.

Situação esta que foi totalmente alterada nas décadas seguintes, levando praticamente ao seu desaparecimento em meados do século XX, persistindo ainda hoje, teimosamente em alguns núcleos dispersos no extremo da Serra Algarvia, numa industria inteiramente artesanal e caseira, em que a tradição é passada de pais para filhos.

## “CERÂMICA E OLARIA”

A Cerâmica e a olaria, constituem um dos materiais moldados pelo homem, mais antigos da humanidade, foram durante séculos os utensílios domésticos utilizados pelas populações para os mais diversos fins, à qual se deve essencialmente a simplicidade da sua fabricação e a abundância de matéria prima, apesar de ser um material de uma certa fragilidade, era contudo compensado pela sua dureza e resistência ao fogo.

Como povoação antiga, abundam os vestígios de cerâmica em Garvão.

As oferendas descobertas no Deposito Votivo do Santuário pré-histórico de Garvão, são na sua grande maioria feitas de cerâmica.

Foi descoberto um forno de cerâmica, que se presume pré-histórico quando se procedia a obras na Casa do Povo.

Em vários locais em torno da vila ainda eram visíveis até á relativamente pouco tempo, vários fornos de cerâmica, vulgarmente conhecidos por telheiros, pois sendo as habitações construídas em taipa, (ver caixa com artigo) as telhas era praticamente os únicos materiais que se teriam de comprar, para construir a habitação, e portanto de maior procura, contudo em casas de lavradores mais abastados, usava-se também ladrilhos e mosaicos do tipo “Burro” em barro cozido, que eram fabricados ou cozidos nesses telheiros.

(No próximo número: *Conclusão e Desindustrialização*)



**Café Nascido do Sol**  
ALMOÇOS - PETISCOS - JANTARES  
Tel. 286 555 347 - GARVÃO



**Padaria MARTINS**  
Rua de Ourique, 22  
de Joaquim Martins Moreira Costa  
Telems. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO



**CAFÉ CANELAS**  
de José Guerreiro Manuel  
[Condições de Trabalho]  
Telefone 286 555 166  
Telemóvel 965 090 101  
Largo da Estação n.24 - 7670-128 GARVÃO



**PADARIA VITÓRIA**  
Joaquim Rosário Guerreiro  
Tel. 286 555 133  
Rua Nova, 3 - 7670-141 GARVÃO



# GARVÃO INDUSTRIAL

## CONCLUSÃO E DESINDUSTRIALIZAÇÃO

(Seguimento do artigo no Jornal anterior)

Se por um lado foi o surgir da Revolução Industrial, com a introdução de novas tecnologias de produção, nomeadamente a máquina a vapor, que permitiu a adopção de novas e melhores técnicas de fabricação industriais.

Foi também esse progresso, que permitiu a invasão do mercado local, por produtos fabricados nos grandes centros industriais do país, que se tinham vindo a desenvolver desde o século XVIII.

Assim aquilo a que se convencionou chamar a industrialização geral do país, foi feito às custas da pequena indústria provincial.

A penetração do comércio local por produtos mais baratos e de uma enorme variedade, produzida nos grandes centros industriais do país, foi fatal para uma indústria rural, ainda em formação e mal consolidada para poder fazer frente à concorrência exterior.

A disputa pelo comércio local não se fazia sentir só na colocação do produto final, já fabricado e de qualidade ou gostos discutíveis, mas também na obtenção das matérias-primas essenciais à fabricação desses produtos.

Ora a industria local até aí sozinha na obtenção de matérias-primas para a sua laboração, e para a colocação dos seus produtos, ressentiu-se, e de uma maneira irrecuperável para a indústria local e regional.

A expansão da indústria nacional nos grandes centros urbanos do país, fez-se á custa da pequena indústria regional, mais frágil, desajustada tecnologicamente e de fácil concorrência interna por parte dos industriais urbanos.

Embora, empresarialmente e tecnologicamente mais modernos, do que os industriais locais, os industriais urbanos

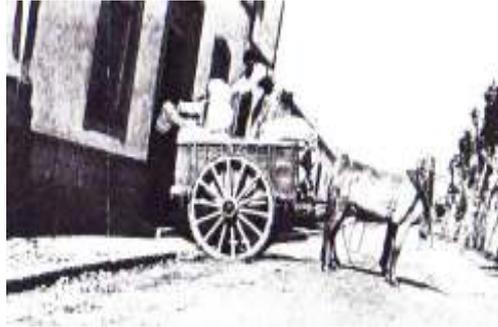
não tinham capacidade para concorrer na colocação dos seus produtos no mercado estrangeiro, onde países mais avançados e desenvolvidos mantinham a liderança e hegemonia industrial e comercial.

Viraram então, os industriais urbanos, a sua atenção e produção para um mercado de mais fácil penetração, como o mercado interno, com as enormes perturbações, para a indústria da província, que daí adviriam.

A grande indústria urbana beneficiou ainda e também das profundas alterações que se vinham a desenvolver no país, se por um lado se assistiu á modernização, com a expansão da rede viária e construção da rede ferroviária ao interior do país, que facilitou a infiltração e escoamento dos seus produtos.

Beneficiou também de uma maior consciência empresarial, nomeadamente modos de pagamento mais ou menos dilatados e acesso ao crédito, (enquanto que nos mercados regionais era frequente o pagamento de serviços com a “maquia”, que correspondia ao pagamento com uma parte do produto). Beneficiou também da protecção por parte do governo, que promulgou leis na defesa do mercado interno, (e diga-se que protecção do mercado interno, não é protecção do mercado regional, mas sim protecção contra as importações de produtos estrangeiros),

A conjuntura Nacional e Internacional, a livre concorrência dos produtos, a introdução de novas tecnologias e praticas comerciais e melhores acessos, levou os empresários alentejanos que nos primórdios da revolução industrial nacional, tinham mostrado vontade em investir na nova era, a um patamar impossível de acompanhar.



  
Informática

---

PSC, Informática de Paulo J F Sousa Cruz  
Rua Nova SA - 7670-141 Garvão  
Telm.: 938 783 670 - E-mail: pscruz3566@gmail.com

  
MONTARAZ  
GARVÃO

  
Agencia Funeraria Alentejana  
Funeraria e instalações para todo o país

Sede:  
Rua Eng. Duarte Pacheco 1-3  
Apartado 48  
1890-989 Ourique  
Tel - Fax 286 517 561  
E-mail: funeralentejana@napo.pt

Filial:  
Centro Comercial  
Vila Nova de Mil Fontes  
Lago 36 Casa  
Rua Gago Coutinho 72  
1890-201 Souselas  
Tel - 202 082 117  
Estrada Nacional  
S. LUIS  
Covilha

João Gonçalves: 938810695  
Elio Guerreiro: 969192679  
932699540  
Pedro Gonçalves: 932892541

**Café Beira Linha**  
ALMOÇOS E JANTARES  
Telef. 286 555 199  
ESTAÇÃO DE GARVÃO

  
MANUEL BARTOLOMEU ROMÃO, HERD.<sup>TM</sup>  
ARMAZENISTA - DISTRIBUIDOR  
Telef. 286 555 120 - Telef. / Fax 286 512 848  
E.N. 123 KM 47,8  
OURIQUE

**ANTÓNIO**  
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
Radios e Televisoes  
Telef. 286 555 111  
GARVÃO

**ALUMIGARVÃO**  
Carlos Silva & Silva, Lda.  
Tlm. 934 059 158  
Caixilharia de Alumínio e Madeira  
Montagem de Estores  
Portões Basculantes e de Folha  
Tectos Falsos - Decorações e Instalações Gerais  
Tel./Fax 286 555 164 - Rua Nova 25-B - GARVÃO



# PRESERVAR COMO?

**A preservação do património cultural e natural tem sido objecto de amplas discussões e várias propostas de soluções, tendo como base um conjunto de recomendações tanto a nível nacional como internacional.**

O inventário do Património Arquitectónico e Arqueológico classificado de todo o País, publicado pelo Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, em 1993, estabelecia as categorias para os diferentes monumentos e conjuntos: Monumento Nacional, Imóvel de Interesse Público, Imóvel de Interesse Concelhio e ainda o conceito de Zona Especial de Protecção.

Transcreve-se o que sobre estas zonas está escrito no Património Arquitectónico e Arqueológico. Informar para Proteger, publicado pelo IPPAR, em 1994 (pág. 19):

“A lei portuguesa reconhece, desde há várias décadas, a possibilidade de proteger legalmente a envolvente dos imóveis classificados, através do estabelecimento de zonas especiais de protecção, estudadas caso a caso, de acordo com as características históricas, paisagísticas e topográficas de cada local em que se situem um ou mais bens imóveis classificados.

Nas zonas de protecção dos imóveis classificados ou em vias de classificação deverão, assim, ser evitadas as obras de construção civil ou a instalação de quaisquer elementos que, pela sua presença, e independentemente do seu valor estético, destruam a harmonia do local.”

Essas as razões porque a lei impõe que as Autarquias e demais entidades licenciadoras recolham o prévio parecer do IPPAR e do IPA em todos os projectos de obras ou alterações físicas nas zonas de protecção, só podendo autorizar os trabalhos ou instalações que tenham obtido a aprovação deste Instituto.

Tudo pode desaparecer por acção do tempo ou do Homem, mas um eficaz registo ajuda-nos a conservar a memória do que antes foi. Inventariar o Património, seja ele monumental, móvel ou oral, é o primeiro passo para se conhecer o que existe de modo a programar o que continua. É a primeira forma de fazer História, equivalente ao levantamento dos dados da documentação de arquivo ou de bibliografia.

Evidentemente que não podemos dizer que inventariar é o suficiente, mas sim o necessário e imprescindível. Existe, para além disso, o desfrutar o bem cultural, que nenhum inventário pode substituir. E nenhum inventário é perfeito ou definitivo. Pelo contrário, é um processo em permanente continuação, não apenas recolhendo novos dados, mas sobretudo refazendo e melhorando os dados antigos.

Ou seja, podemos falar em Inventário completo de um concelho ou de um distrito, por exemplo. Mas o inventário local, uma vez concluído, não deve constituir mais um ficheiro inerte: cabe que o façam funcionar como instrumento de propaganda junto dos próprios habitantes da área, sem o que a sua acção didáctica potencial ficará em muito diminuída. Impõe-se estabelecer um programa de actividades coordenadas, tendo por base o cadastro e cuja directriz fundamental será a de desenvolver na opinião pública local a noção de Bem Colectivo, primeiro passo para a assunção da consciência de uma responsabilidade colectiva.

Se o Estado tem o dever de proteger e preservar a nossa memória colectiva, um papel importante, se não fundamental, terá que caber às Autarquias e às associações de cidadãos. Eles têm que ter como preocupação dos seus membros a promoção do Património, e não ter como património a promoção dos seus membros. Cabe sobretudo aos cidadãos de um concelho definir qual o micro património a defender, e que muitas vezes nos pode trazer mais e importantes informações do que os grandes e conhecidos monumentos, que enchem o olho dos passantes e visitantes.

A perfeita compreensão do Património local e regional torna mais sólida a ligação à comunidade, sem que se caia no perigo de bairrismos inúteis e prejudiciais, normalmente fruto da ignorância histórica. Porque, se a história local é de primordial importância para se conhecer o percurso de um povo, e importa preservar essa memória, a história nacional não é, nem nunca foi, o somatório das histórias locais.

In: “Terras Quentes”, *Património Concelhio, Uma Memória a Preservar*.

**Café Futuro**



*Almoços e Jantares*

*Rua do Álamo*

--- Internet Wireless ---

*Associação Futuro de Garvão*

**B. P. & P. Lda.**  
CONSTRUÇÃO E REMODELAÇÃO  
**Batista Pereira & Pereira, Lda.**

*Construção e Remodelação*

Rua Quinta da Silveira, Lt. 559 • 1675-818 Famões • Casal da Silveira  
Telems.: 96 548 50 19 - 96 232 15 49 Fax: 21 980 40 08  
E-mail: baptistapereira2001@sapo.pt

**Garvão**  
mini mercado

Da. José António Silva Nunes

Lg. da Palmeira, 4 - OURIQUE

**GARVÃO SUPER**  
mini mercado

**Os Docinhos da Céu**  
*Café Pastelaria*

de: Maria do Céu Cândido

Tel. 286 555 252 - 286 107 917  
Tlm. 938 291 029 - 939 297 392  
Rua de Ourique, 27 - GARVÃO

**Drogaria Carapinha**

De: Rui Nuno Gonçalves Carapinha

REDES - TINTAS - RAÇÕES  
CEREAIS - FERRAMENTAS - ETC.

Tel. 286 555 441  
Tlm. 936 337 373  
Rua Nova, 28 - GARVÃO



# SUL e SUESTE

## LUÍZA. (I Parte)

Crônica de "LUÍZA", do livro "SUL e SUESTE Prosas de Além-Tejo"

de Joaquim da Costa,

Natural de Garvão, publicado através das oficinas da Gazeta do Sul no Montijo, em 1940

O monte estava edificado numa elevação de terreno inulto e pedregoso. Era uma habitação antiga, com séculos talvez de Existência, e tosca, e sem mancha de cal, como se tivesse rompido das entranhas da terra naturalmente, da mesma forma que os chaparros e as rochas.

Podia-se observar-se ali uma identificação perfeita da casa rústica e da paisagem bárbara. Das janelas do monte, que diríeis abertas a alvião, em tempos remotos, nas paredes gossas, de alvenaria, nada, para além da cerca de terra cultivada, trigueira, com sua nora de engenho parado e algumas laranjeiras que não davam fruto e se perdiam à míngua de água, nada mais se avistava que montados, só montados, escura e desolada vegetação que fere os olhos e põe estranhas melancolias na alma.

Esta edificação, erguida no meio de uma paisagem atormentada, casava-se, porém, com a alma taciturna do lavrador, dono da herdade, a quem, depois que lhe morrera a mulher, ia para dois anos, ninguém mais vira sorrir, sempre vestido de luto, afastado dos amigos e parentes das redondezas.

Tinha duas filhas, o viúvo, uma delas, a Luiza que estudara em Beja e tirara o terceiro ano do Liceu, consumia-se de desgosto na habitação vetusta, sombria como a alma do lavrador. Sentia-se longe das gentes que conhecera na cidade, do bulício, da vida agitada, e por isso o monte lhe parecia a sua própria sepultura. Raro saíam, ela e a irmã, a Maria, mais velha dois anos. Só lá de longe em longe, por ocasião de feira ou de festa nos arredores, se deslocava dali.

Nunca tivera namoro, a pobre Luiza, e contava já vinte e dois anos, feitos pelo S. Barão. O lavrador, orgulhoso e rico, apenas entregaria a mão da filha a rapaz abastado, da sua igualha. E além disso, Luiza era esquisita, dotada de fina sensibilidade, de carácter altivo e independente. De todos os rapazes ricos dos arredores, que conhecera, nenhum lhe agradara. Achava-os ridículos e pretenciosos, «analfabetos que, fazendo gala e flor de suas riquezas, pretendiam suprir com bens materiais, insuficiências de inteligência e educação». Bastante lida, espírito cheio de nobres qualidades, ela tivera já a coragem de confessar, em cartas dirigidas a raras amigas, e que eram como que o repositório fremente das inquietações e angústias duma alma enclausurada, que, a casar-se, o faria por amor. Havia de entregar seu corpo e sua alma virgens a um homem de quem gostasse, fosse ele embora de condição humilde. «nada me desagrada tanto – escreveu ela um dia – como estes casamentos alentejanos, que são negócios».

Naquele pardo entardecer de Outubro, o carro Alentejano rodava na estrada poeirenta, cheia de veículos e ao trote largo das bestas, - dois gordos e fogosos machos pretos, - soavam festivamente, pondo notas vivas de oiro no ar da tarde outonal, as guizeiras das cabeçadas novas compradas nesse dia na feira de Castro Verde. Voltavam da feita no seu carro de toldo claro com vermelhas cortinas, o lavrador e as filhas.

Era já quasi sol-pôsto, a casa ainda ficava longe, a umas quatro léguas de distância, e por isso o almocreve vibrava no ar, de vez em quando o chicote, apressando a marcha.

No interior do carro não se ouvia rumor de conversa. Pai e filhas não trocavam palavra entregues cada qual a seus pensamentos e cuidados.

Luiza ia sentada numa dessas cadeiras baixas, de assento de buinho, perto do almocreve, um moço espadaúdo e ágil, boa cor de

rosto, alegre, audacioso e teso, homem que, por mais de uma vez, em brigas arriscadas, ensarilhando e fazendo rodar o pau nos ares, varrera feiras de lés a lés e fizera frente à Guarda Republicana.

Obra do acaso, talvez, a cadeira de Luiza fora colocada junto do almocreve, que ia sentado à frente, a vara do carro entre as pernas, as arreatas nas mãos ao mesmo tempo firmes e lestras.

Ele guiava o carro com desembaraço, seguro no puxar das arreatas evitando, solerte e cuidadoso, os tropêços das rodas nos calhás e os tombos nas covas da estrada.

Passada a linha férrea, deixado à esquerda o edifício branco da estação em cuja gare brilhava já a luz vermelha de lanterna colocada no chão, o carro internava-se no montado, numa região acidentada, ali onde morre a planície que vem de longe, desde Beja.

Escurecia. Pesava um grande silêncio pelos campos. Bandos de calhandras, num rumor grulhento que, por momentos, animava a paisagem a adormecer na melancólica luz crepuscular, erguiam voo das terras cultivadas à aproximação do carro, que seguia agora devagar pela estrada velha, os machos a passo.

No interior do carro, já mal se divisavam os rostos. Naturalmente, o lavrador, sentindo o corpo massado de um dia de feira rumorosa e poeirenta, dormitava. Maria, que, a par de Cazével, se encostara sobre manta colocada nas guardas do carro, devia também ir adormecida. Luiza, essa, vinha bem desperta. E cismava... Aquele entardecer de Outono, rosas de fogo emorecendo no Poente, o aspecto da natureza morta a envolver-se na sombra do crepúsculo o silêncio dos campos desertos, a solidão da hora, tudo isso a tocara de sonho e de desejo, o coração como que a sentir a agonia da luz, e não sei que saudades dolorosas acordavam na sua alma sentimental e romântica... Cismava... E talvez lhe acudissem à memória restos de leituras em que mergulhara o espírito no lento dobrar das longas, infundáveis noites de Inverno, passadas no monte, narrativas de aventuras amorosas, idílios de corações apaixonados.

Os machos puxavam o carro numa chapada êrma. Um silêncio maior... Apenas de vez em quando, com o se fôra a própria voz da solidão, um toque trémulo de esquila de alguma ovelha perdida. soava a distancia, e vibrava doloridamente nas quebradas...

Um solavanco mais forte, roda que descai num buraco... O corpo dela impellido pelo tomo, inclinou-se para a frente, e suas mãos, tacteando no escuro, como que a procurar apoio, firmaram-se com força nos ombros do almocreve... O carro subiu, atingiu o planalto que se estendia adiante, e as mãos de Luiza deixavam-se estar, demoravam-se nos ombros dele...

O almocreve, sob a leve pressão daquelas mãos que adivinhava ardentes e cariciosas, devia sentir-se perturbado porque o carro dali para a frente, começou aos tropêços e aos tombos, as rodas indo de encontro a pedregulhos e descaindo pesadamente nas covas do caminho, como se o veículo seguisse sem govêrno... A ponto que o lavrador acordando, lançou no ar um berro colérico contra o moço, atirando-lhe um epíteto que, diga-se a verdade, não se ajustava a quem guiava o veículo mas aos brutinhos que o puxavam...

- Não se vê nada, patrão...

Pretextando a ruindade da carreteira, sinuosa e estreita, e o escuro que o impedia de puxar os machos pelo melhor trilho, o moço saltou da vara do carro para o chão e seguiu à frente dos machos até o monte.



# OS TANGEDORES MENDICANTES

## A Caminho da Feira de Garvão

Há patinhas d'um ladrão, naquele tempo as coisas eram levadas da breca, em se juntando a Zefinha de Portel, ceguinha, apoiada no seu velho companheiro Faisca, o Norberto Gateiro da Chada-Velha, o Adelino do Monte da Vinha e outros tangedores mendicantes, era certo que iria dar cantoria, e, já agora, que bem soava ouvi-los, mas também era certo que em o vinho começando a fermentar naquelas cabecinhas, mais cedo ou mais tarde iria dar pancadaria.

A Zefinha, coitada, ceguinha, bem se tentava abrigar dos porradões que soavam à sua volta, o Faisca bem tentava, coitado, escapular dos bordões que no ar zuniam e segurando no braço da ceguinha para lá a encaminhava para fora daquele reboliço todo.

Quem não se dava muito bem com aquilo tudo era o António Emídio, tinha vindo de propósito da Aldeia de Palheiros para a anual feira de Garvão e o acostumado cante ao baldão, desgarrada ou despique como lhe quiserem chamar, de viola à tira-colo metia-se direito ao Curral Velho, uma copada com um bom pedaço de conduto no Encalho e em menos de nada, que é como quem diz ao fim de uma semana ou duas, estava na Feira de Garvão.

A visita ao compadre Zé na taberna do Saraiva também era uma obrigação, senão na ida pelo menos na volta, apesar de depois de umas boas cantorias agarrado à viola sobrem sempre umas boas sopas e faltar sempre o bom vinho, a ti'Maria do Saraiva é que não o largava, era malina, queria era "Balho", mas então quem é que se agarrava atracado a um pedaço de mulher daquelas, usava uma cinta de lã preta para segurar a saia que dava duas voltas à cintura de qualquer homem, uma vez desancou de tal maneira o Blei do Vale de Mu que se não a tivessem agarrado tinha-o enforcado com a cinta de uma oliveira abaixo.

Então o malandro, assim relatava a criatura, não tem vergonha depois do bailarico em que os rodopios da ti'Maria até faziam o Blei levantar os pés no ar com a cabeça bem enterrada nos farfalhudos peitos, valendo-lhe a providencial cinta, onde se agarrava, até que esta se desmanchou e por pouco não ficava a mulher em trajes menores, (se os havia), diante daquele pagode todo, e ainda por cima com o outro a querer beija-la, o pior não eram as tentativas beijorriqueiras do Blei, o pior era quando o raio do tabaco queimava os poucos pêlos que sobressaíam das bexigas na cara da ti'Maria, aí é que estava o caldo entornado, "tamas o que é isto, tás parvo ou quê", assim

dizia de sua justiça, e dizendo isto afinca-lhe três bordoadas que o deixaram espojado nos restos da calçada do monte, entre ais para aqui e uis para ali, o certo é que os polaropos que tinha na cabeça já ninguém lhos tirava.

Mas valia a pena, quem é que arredava pé, diante de tal cantoria, da Corte Malhão vinha o Miguel Guerreiro, do Monte da Viúvas em Almodôvar vinha o Belchior, e até das bandas de Alcoutim vinha o Romanito cego, e muito cantavam aquelas alminhas, a Ti'Mariana da estação d'Ourique não tocava, nunca teve muito jeito para aquilo, mas arrufava bem e era certo que quem se metesse com ela à despique ou à desgarrada, tinha que puxar muito bem pela cachimónia para lhe dar a volta, e aquilo é que era cantar, animavam as vendas das aldeias e os bailes no caminho para as feiras, ganhavam umas coroas aqui e umas sopas ali, dormiam ora em palheiros ora ao relento, mas não era disso que cantavam, "Não quero que vás à monda", "Avoa, pombinha avoa", "Oh que festa linda festa", "Fui colher uma romã", "Baile do pézinho" ou "Quero ir para o altinho, qu'eu daqui não vejo bem, quero ir ver o meu amor, se ele adora mais alguém", assim cantavam as modas e picados por uns e por outros lá vinham à baila os despiques, salpicados aqui e acolá com alguns versos mais atrevidos para consolo e galhofada da assistência.

Até o desgraçado do Finfas e o Figueiredo parvo de Panóias, com o seu sorriso cacofónico, por lá apareciam, esses eram pedintes, corriam atrás das moças e dos moços.

O Manuel Inácio Verónica das Amoreiras-Gare andava de "balho" em "balho" pelas terras vizinhas, e lá arranjava sempre maneira para que a sua volta nos fins de Abril, princípios de Maio ir dar a Garvão, este ano chegou mais cedo, bem o trumbicaram no baile do "Vale Ganim", para lá o arrastaram desde o Chaparral à pressa para ir tocar num baile-promessa e quando lá chegou já o magala Almerindo dos Arraios estava em cima da mesa agarrado a um harmónio, como aquilo soava mais alto que a viola, para lá lhe deram umas migas para ele se calar, mas não, não se sentia bem com o outro todo arrufado em cima da mesa a debitar aqueles fados que tinha aprendido lá para a cidade, "nam senhor, aqui nam fico", e arrancou direito ao monte Major onde o velho amigo Estopa lhe arranjaría, com certeza, dormida nas arramadas junto ao gado e com um pouco de sorte, depois de umas cantorias valentes agarrado à viola, para lá lhe arranjaría, também, qualquer coisa quente que se coma.

**MOVIGARVÃO**  
Carlos Alberto Guerreiro Silva  
Telem. 934 059 159  
Móveis - Electrodomésticos  
Tapetes e outros artigos  
de decoração para o Lar  
Candeeiros - Cozinhas por medida  
☎/Fax 286 555 164 - B.º Escola, L 2 - GARVÃO

**REVEZ & GONÇALVES**  
Materiais de Construção, Lda.  
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO  
PECUÁRIA  
VENDA A RETALHO  
Telef. 286 555 151 - Largo da Amoreira, 4 - GARVÃO



## FAMÍLIAS DE GARVÃO COM HISTÓRIA



### Família Reis

O sobrenome português Reis é uma referência aos Três Reis Magos, segundo a tradição cristã, haviam vindo do oriente, guiados por uma estrela, para a Judéia, crendo que ali encontrariam o rei dos judeus que havia nascido, chegando a 6 de janeiro.

Na Idade Média os Reis Magos passaram a ser venerados como santos, no século VI suas relíquias foram trazidas de Constantinopla para Milão, e em 1164 foram levados para Colônia na Alemanha onde estão até hoje. Também durante a Idade Média havia a tradição de que os nascidos no dia 6 de janeiro levassem o nome Reis, em referência ao santos do dia acreditando que conseguiriam proteção deles.

Na Alemanha também surgiu uma família Reis, porém a família Reis alemã é de origem patronímica em referência ao nome Risi, esse por sua vez é uma variação italiana do nome Rico, gerando os sobrenomes Risner, Reisner, Reiss e Reis.

Acima o brasão da família Reis portuguesa, com um campo azul e uma estrela de ouro de oito pontas em referência a estrela que guiou os reis até á Judéia.

## A Arqueologia, o Território e do Desenvolvimento Local

### *Seminário Efeitos sociais do património à escala local, Mértola, 27 a 28 de Abril de 2001 – Caderno de Resumos*

Saída do anonimato, a vila de Mértola tem vindo a ser alvo de uma experiência que, embora alongada no tempo, permite já fazer um balanço positivo. Os benefícios têm vindo a tornar-se evidentes para a comunidade e os turistas que em número crescente nos visitam anualmente, têm a agradável surpresa de encontrar locais de interesse espalhados pelo interior do povoado e em circuitos culturais nas imediações.

A nossa intervenção em Mértola começou com a arqueologia, com uma arqueologia que, embora tivesse partido naturalmente de uma abordagem puramente universitária, muito cedo foi desviada para objectivos didácticos. Até então, o programa contava apenas com o trabalho voluntário e sazonal de uma equipa de voluntários, composta por alunos da Faculdade de Letras de Lisboa e que, de férias ou ao fim-de-semana iam fazendo intervenções no terreno, a fim de poderem retirar alguma informação. [...] Este movimento cíclico, de gente com outros hábitos e cultura que, de uma forma geral, não demonstrava o mínimo interesse em satisfazer a curiosidade das pessoas da terra, criou localmente uma certa estranheza, quando não uma quase completa indiferença.

Por isso, de muito cedo, logo nos primeiros anos, tentámos proceder de forma diferente. Desde os primeiros contactos com Mértola e por razões também de identificação política, sentimo-nos envolvidos na vida e interesses da comunidade. A escavação decorria no interior do aglomerado no local tido pelos habitantes como o seu ponto de referência colectiva, a sua alma comunitária - o castelo e toda a sua envolvimento directa. Ao escavar no castelo, estávamos forçosamente a tocar no mais profundo da comunidade, despertando natural e inevitável curiosidade. No decorrer das primeiras campanhas, aprendemos a justificar o nosso trabalho, ouvindo os comentários e, sempre que possível, a encontrar consensos.

Cláudio Torres.

In: <http://www.camertola.pt/cl%C3%A1udio-torres-patrim%C3%B3nio-e-desenvolvimento>



Mértola

## CARPINTARIA CONVERSA

EXECUTAM-SE TRABALHOS EM ALUMÍNIO

- \* Portas
- \* Janelas
- \* Marquises
- \* Estores
- \* Portões
- \* Corrimões

Jorge Bento  
964 173 005

Garvão - Ourique

